

## APRESENTAÇÃO

### PRESENTATION

O objetivo deste número da Olhares & Trilhas é fornecer a pesquisadores e educadores subsídios para o trabalho com os **gêneros orais**. É, portanto, um número temático sobre gêneros textuais ou discursivos orais, organizado a partir de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (PETEDI) e outros pesquisadores.

O estudo dos gêneros está na moda, como disse Marcuschi (2008, p. 147)<sup>1</sup>, e entrou na moda, pelo menos no Brasil, após a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) de que o ensino de Língua Portuguesa como língua materna se centrasse nos gêneros. Esta proposta levou professores e pesquisadores da área de Letras e Linguística a voltar seus olhos para esse aspecto da língua e seu funcionamento, buscando esclarecer o que são gêneros, quais são os gêneros, como eles se caracterizam e como eles podem ser usados no ensino, o que configurou algumas linhas de pesquisa no país.

O **Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (Petedi)** do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, observando o que vinha sendo estudado sobre gêneros, notou que havia uma lacuna significativa no estudo dos gêneros orais e estabeleceu, a partir de 2011, o estudo desses gêneros como seu projeto de pesquisa. Na primeira fase, foi preciso definir o que se entendia por gêneros orais, pois, como se pode ver no artigo, **Gêneros orais – conceituação e caracterização**, não é muito pacífico classificar um gênero como oral ou não. Ensaiou-se também uma listagem de gêneros orais, que como toda listagem é incompleta e sujeita a questionamentos. Ao mesmo tempo, foi preciso estabelecer uma norma de transcrição para os gêneros orais, pois, embora já houvesse algumas propostas nesse sentido, como as dos projetos Nurc (Projeto da Norma Urbana Culta) e Alip (Amostra Linguística do Interior Paulista), este último da UNESP – São José do Rio Preto, era preciso incorporar às transcrições os elementos paralinguísticos e de linguagens não verbais. A partir

---

<sup>1</sup> - MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

essencialmente dessas duas normas para transcrição de língua falada, o Petedi estabeleceu convenções para transcrição dos textos dos gêneros que se propunha estudar, as quais constituem o apêndice intitulado **Convenções do Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (Petedi) para transcrição de material oral**, importante para quem ler os artigos aqui publicados.

A etapa seguinte de escolha dos gêneros a serem tomados como objeto de investigação trouxe a questão da pertinência de estudar ou não determinado gênero. Não se quis que o critério fosse apenas ou prioritariamente a utilização prática (como no ensino, por exemplo) que se poderia fazer do conhecimento desenvolvido sobre os gêneros focalizados. Dessa forma cada membro do grupo selecionou um gênero cujo estudo julgou pertinente em função de fatores diversos, inclusive a convivência com o gênero de algum modo e a facilidade de acesso aos exemplares, já que esse acesso, com frequência, representa uma dificuldade para a pesquisa.

A partir do início de 2013, os membros do grupo desenvolveram dez estudos sobre gêneros orais que estão publicados neste número da “Olhares e Trilhas”. Em 2015, decidiu-se convidar os membros do Grupo de Trabalho (GT) de Linguística de Texto e Análise da Conversação (GTLAC) da Anpoll para contribuírem com estudos seus sobre gêneros orais para enriquecer essa publicação temática. Vários pesquisadores se manifestaram e alguns efetivaram sua participação, produzindo dois artigos sobre gêneros orais. Assim, este número temático de Olhares e Trilhas traz, além dos estudos realizados pelos membros do Petedi, outros dois estudos, a saber: a) **Oralidade e gêneros textuais orais em sala de aula: uma questão ainda pouco falada**, de Leonor Werneck dos Santos, Welington de Almeida Cruz e Vanessa Antunes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); b) **Gênero oral depoimento em documentários: parâmetros caracterizadores**, de Clemilton Lopes Pinheiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Sílvia Luis da Silva, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Os gêneros estudados são de cinco esferas de atividade humana distintas: a jornalística, a do entretenimento (especificamente gêneros humorísticos), a escolar/educacional, a religiosa, a comercial. A questão do ensino aparece sobretudo nos artigos referentes a gêneros da esfera escolar/educacional, mas também em outros. Além disso, as descrições de gêneros orais feitas indicam aos professores o que

observar ao trabalhar tais gêneros com seus alunos. Vejamos de que tratam os artigos sobre os gêneros dessas diferentes esferas de atividade humana.

Temos três artigos sobre gêneros da esfera jornalística: o artigo **Um estudo sobre o gênero oral entrevista em telejornais**, de Maria Aparecida Resende Ottoni, caracteriza, analisa e compara entrevistas exibidas em telejornais brasileiros, realizadas em estúdio (EEE) e fora dele (EFE) e investiga se são espécies de um mesmo gênero ou não. Os resultados evidenciam as semelhanças e diferenças entre as EFE e as EEE, destacando que elas podem ser compreendidas como espécies de um mesmo gênero. O artigo **Gênero oral depoimento em documentários: parâmetros caracterizadores**, de Clemilton Lopes Pinheiro e Sílvio Luis da Silva, trabalha com a caracterização do gênero oral depoimento em documentário. Partindo da ideia de que os gêneros são organizados por esferas de atividade humana, os autores defendem que o documentário é uma atividade social no interior da qual se produz o gênero depoimento. A análise do *corpus*, realizada por meio da observação das características de 31 depoimentos, determina os parâmetros caracterizadores do gênero, que se organizam em cinco componentes: temático, composicional, linguístico, pragmático e enunciativo. Já o artigo **A notícia em telejornal: caracterização de um gênero oral**, de Pollyanna Honorata Silva, propõe uma caracterização da notícia oral, na televisão. Tomando como *corpus* notícias do Jornal Nacional, a autora mostra, dentre outras características, que a notícia falada é mais dinâmica, se comparada à escrita, e apresenta em sua estrutura composicional uma grande utilização de elementos não verbais, além da “co-construção”, presente nas vozes dos vários enunciadores que compõem o gênero analisado.

Os artigos que tratam dos gêneros orais humorísticos são dois: **Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros**, de Luiz Carlos Travaglia, caracteriza o gênero humorístico esquete, mostra que há um gênero homônimo na esfera educacional e apresenta características diferenciadoras entre o esquete, a piada e o *stand up*. **Caracterização do gênero *stand up* sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica**, de Valdete Aparecida Borges Andrade e Maria Aparecida Resende Ottoni, tem como objetivo principal caracterizar o gênero *stand up* por meio da análise dos seus aspectos linguístico-discursivos e das práticas

sociais das quais é parte, utilizando os pressupostos da Análise de Discurso Crítica (ADC).

Três outros artigos tratam de gêneros da esfera escolar ou educacional e/ou do ensino de gêneros: **Oralidade e gêneros textuais orais em sala de aula: uma questão ainda pouco falada**, de Leonor Werneck dos Santos, Welington de Almeida Cruz e Vanessa Antunes, apresenta um panorama da abordagem de gêneros orais e da oralidade na educação básica. Para isso, os autores discutem o ensino dos gêneros textuais orais nos níveis fundamental e médio, enfatizando aspectos relacionados à oralidade e questões pertinentes à abordagem dos gêneros, exemplificando com propostas de atividades para trabalhar entrevistas. O objetivo principal é traçar um panorama do ensino de gêneros orais e mostrar a escolarização do gênero entrevista, por meio de atividades que contemplam as características do gênero. **Um estudo dos gêneros orais aula espetáculo e aula show**, de Daniervelin Renata Marques Pereira, dedica-se à caracterização da Aula Espetáculo (AE) e da Aula Show (AS), bem como ao estabelecimento da diferença entre elas, discutindo se AE e AS são ou não realmente novos gêneros. São consideradas ainda as semelhanças e diferenças com outros gêneros, como o espetáculo, a aula, a conferência e a oficina. **A caracterização do gênero exposição oral no contexto das práticas de linguagem na escola**, de Cláudia Goulart, dedica-se a caracterizar um dos gêneros orais formais públicos mais utilizados na esfera escolar: a exposição oral em seminários. O foco é discutir as características textuais desse gênero de forma a identificar e distinguir o objetivo sociocomunicativo, a estrutura composicional, o conteúdo temático, o estilo e as condições de produção. Essa caracterização é importante porque pode auxiliar professores na tarefa de levar os estudantes a se apropriarem de um gênero secundário, formal, cujas habilidades são desenvolvidas por meio de práticas orais e escritas, e, com isso, auxiliá-los a assumirem o lugar do enunciador que o expositor deve ocupar, objetivo principal da exposição oral. Os resultados evidenciam que a exposição oral é um gênero que os alunos não dominam e são necessárias intervenções didáticas que possibilitem a reflexão sobre as características desse gênero.

Também são três os estudos que caracterizam gêneros da esfera religiosa. Em **A Homilia: conceituação e caracterização de um gênero oral da comunidade discursiva Católica Apostólica Romana**, de Sandra Eleutério Campos Martins, estuda-

se o gênero oral Homilia, da esfera religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, como parte integrante da Liturgia, na Igreja, conceituando-o e caracterizando-o, a partir dos aspectos constitutivos do gênero e também da perspectiva de seu papel, de suas configurações como exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã, a partir da Sagrada Escritura. Para a autora, as características da homilia que foram levantadas permitem distingui-la dos demais gêneros orais circulantes na mesma esfera de atividade humana. **Caracterizando o gênero oral Ministração da Palavra**, de Eliana Dias e Maria Cecília de Lima, trata de um gênero próximo à homilia e objetiva compreender como se organizam o ato discursivo, os mecanismos e as estratégias utilizadas pelos pastores de uma igreja evangélica, da cidade de Uberlândia / MG, no momento da produção desse gênero. As autoras comprovam a hipótese de que o gênero Ministração da Palavra está intrinsecamente ligado, no seu uso, à pregação, à homilia e ao sermão que são produzidos de modo semelhante em outras comunidades. No entanto, o que difere a Ministração da Palavra dos gêneros supracitados é a linguagem informal (marcada por um vocabulário popular, comum aos jovens, repleta de gírias e de figuras). O terceiro gênero da área religiosa estudado é a benzeção, no artigo **O gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo**, de Regina Lúcia Félix e Cláudia Goulart. As autoras fazem uma incursão no universo das benzeções, por meio de observações participantes, da realização de entrevistas e de gravação em áudio e vídeo das benzeções, identificando, distinguindo e caracterizando os elementos textuais, contextuais e culturais dessa prática frequentemente presente em nossa cultura, nas diferentes formas de experiência coletiva no campo das crenças, da religiosidade, do “catolicismo popular”. A partir do suporte, que é a voz humana, vai-se constituindo a benzeção como um gênero que alia a *performance* do corpo – e todos os recursos dela provenientes: gestualidade, movimentos faciais, corporais, sussurros, posição dos participantes dentro da situação comunicativa – com a palavra. Os resultados indicam que é no nível de realização desse gênero, no que se refere à sua função sociocomunicativa, à superestrutura, ao estilo e ao conteúdo temático, que se manifesta o sentido global das práticas de benzeção, o que inclui, além do texto oral, múltiplos elementos significantes (imagens de santos, altares, galhos de plantas, cruz, terço, orações, pedidos, etc.). Todos esses elementos aliados à força ilocucionária dos benzedores garantem a eficácia da benzeção e a permanência desse gênero na contemporaneidade.

O último artigo, **Gênero Oral – Leilão**, de Maria José da Silva Fernandes e Solange Aparecida Faria Cardoso, estuda um gênero da esfera comercial: o gênero oral leilão, especificamente o leilão que ocorre em quermesses e o leilão de gado. As autoras consideram que o leilão é um gênero comum e essencial em determinadas atividades sociais e desempenha uma importante função social na comunidade discursiva onde se realiza, mas que, apesar da relevância de seu papel na esfera comercial, esse é um gênero sobre o qual não há muitas pesquisas. A caracterização é feita usando parâmetros utilizados por um bom número de estudos presentes neste número temático: o conteúdo temático, a estrutura composicional, funções e objetivos, características da superfície linguística e condições de produção.

A lacuna no estudo dos gêneros orais registrada pelo Petedi continua ampla, e ela se deve, provavelmente, a duas razões básicas: ao privilégio que os gêneros escritos gozam no ensino de língua materna, e ao fato de que o grande propulsor para que os gêneros ganhassem uma posição importante nos estudos linguísticos originou-se nas questões relativas ao como fazer o ensino de Língua Portuguesa a partir de gêneros ou centrando-o nos gêneros. Cremos também que uma maior dificuldade para identificação e registro dos gêneros orais tenha feito com que os estudos se voltassem mais para os gêneros escritos.

Esperamos que os estudos publicados nesse número de “Olhares e Trilhas” representem um portal aberto para um maior número de estudos sobre gêneros orais e contribuam para o enriquecimento dos debates a respeito dos variados gêneros orais encontrados na sociedade. Acreditamos que o estudo dos gêneros orais é tão importante quanto o estudo dos escritos, mesmo que não seja somente para o seu uso no ensino, uma vez que as práticas orais desempenham papel importante nas diversas situações comunicativas e esferas de ação social.

Luiz Carlos Travaglia e Cláudia Goulart